

AS POTENCIALIDADES DAS FESTAS NA REPRODUÇÃO DO HISTÓRICO DA CIDADE: O PASSADO E O PRESENTE DE FORTALEZA-CE NA FESTA DE SÃO PEDRO DOS PESCADORES.

RESUMO

O presente artigo é parte integrante de uma pesquisa de mestrado sobre duas festas populares, o festejo de Nossa Senhora da Saúde e a festa de São Pedro dos Pescadores, ambas uma enquanto patrimônio social e, outra como patrimônio institucional, respectivamente. Ambas as festas ocorrem na cidade de Fortaleza. Com este trabalho, pretendemos apresentar o potencial que as manifestações culturais imateriais tem para a memória da cidade no imaginário dos habitantes, através dos rituais que compõe o acontecer festivo à partir da festa de São Pedro dos Pescadores. A escolha de apenas uma das festas consiste na especificidade da do festejo selecionado da influência da pesca no litoral fortalezense. A manifestação ocorre nos dias 26, 27, 28 e 29 de junho, sendo o último dia o auge da festa

Palavras-chave: Patrimônio imaterial; Memória; Festa de São Pedro dos Pescadores

ABSTRACT

This article is part of a master's research on two popular parties, the feast of Our Lady of Health and the feast of St. Peter the Fisherman , both one as social equity and other institutional equity, respectively . Both parties take place in the city of Fortaleza. With this work , we intend to present the potential of the intangible cultural manifestations has to the city's memory in the minds of the inhabitants , through the rituals that make up the festival to happen from the feast of St. Peter the Fisherman . The choice of only one of the parties is the specificity of the celebration of selected fishing influence on the coast of Fortaleza . The event takes place on 26, 27, 28 and June 29 , the last day the party height

Keywords: Cultural heritage; Memory; Event of São Pedro dos Pescadores

RESUMEN

Este artículo es parte de una investigación de maestría en dos fiestas populares , la fiesta de Nuestra Señora de la Salud y la fiesta de San Pedro Pescador, tanto una como la equidad social y otras participaciones de capital institucional , respectivamente. Ambas partes tienen lugar en la ciudad de Fortaleza. Con este trabajo , tenemos la intención de presentar el potencial de las manifestaciones culturales intangibles tiene en la memoria de la ciudad en la mente de los habitantes , a través de los rituales que conforman el festival a pasar de la fiesta de San Pedro el Pescador . La elección de una sola de las partes es la especificidad de la celebración de la influencia de la pesca seleccionado en la costa de Fortaleza. El evento tendrá lugar los días 26, 27 , 28 y 29 de junio , el último día de la altura del partido

Palabras clave: Patrimonio cultural; Memoria; Fiesta de São Pedro dos Pescadores.

Lucas Bezerra Gondim
Mestrando em Geografia
– PROPGEO/UFC
lucasgeoufc@gmail.com

INTRODUÇÃO: UMA GEOGRAFIA QUE FESTEJA?

Até metade do século XX, o compromisso da abordagem cultural da Geografia consistia numa análise da espacialidade da cultura e sua presença na descrição e diferenciação das paisagens. Esta perspectiva possuía uma forte ligação com a materialidade, descrevendo as paisagens e os bens culturais exaltando seu modelo arquitetônico ou as alterações no meio ambiente e culturas rurais, como diferencial entre as paisagens.

As críticas feitas sobre a conjuntura desta Geografia cultural do passado conduziram à reflexões necessárias para o enriquecimento da profundidade dos temas debatidos pela ciência. Claval (2001, p. 41) enumera os questionamentos realizados sobre a estrutura da abordagem cultural na Geografia na segunda metade do século XX:

1) ela [a Geografia cultural] preocupava-se muito mais em descrever o mundo do que compreendê-lo e (ou) explicá-lo.; 2) a ênfase que se colocava na paisagem conduzia à um certo esteticismo, suscetível de justificar derivações perigosas; 3) o peso que se atribuía ao mundo rural era muito grande; 4) ocorria o mesmo com o peso conferido ao passado; 5) não se importava os problemas, muitas vezes dramáticos, que afetavam os grupos sociais; 6) atinha-se ao permanente e não percebia o significado dos acontecimentos espaciais, festas, revoluções e comemorações.

Estes questionamentos e críticas ao molde das investigações dos geógrafos culturais somados ao avanço dos estudos sobre significado e significante na psicologia, principalmente, deram início à um movimento de renovação da Geografia cultural, numa reflexão sobre que abordagem cultural a Geografia estava discutindo. Desta maneira, o indivíduo e o a subjetividade contida nas relações humanas se tornaram fundamentais para o exercício da pesquisa destes geógrafos, enriquecendo também a Geografia humanística. Assim, os geógrafos passam a entender a relação entre homem, espaço e meio ambiente não somente numa perspectiva material, mas também numa dimensão psicológica e sociopsicológica (CLAVAL, 2001).

A festa constitui, geograficamente, como uma oportunidade de compreender a natureza dos vínculos territoriais, auxiliando na interpretação e orientação dos signos e símbolos que são espacializados no festejo pelos grupos sociais, que se identificam e fortificam sua singularidade. E é nesta simbologia festiva que os lugares, sítios, paisagens, monumentos e bens culturais são qualificados e (re)significados pelos participantes da festa. Para Di Méo (2001, p. 625):

A interpretação do evento sócio-cultural e dos lugares específicos que lhes dão espaço e vida confere à festa sua verdadeira consistência. Privada de seu espaço, a festa é reduzida em um anúncio, a uma narrativa ou abstração. Somente a imbricação constitutiva do evento com seu espaço contém e exprimem a globalidade do sentido social da festa.

CAMINHOS DO SAGRADO NO PASSADO E PRESENTE DO BAIRRO MUCURIPE

Segundo os moradores mais antigos do bairro Mucuripe em depoimento à Blanchard Girão para a produção do seu livro *Mucuripe: de Pinzón à Padre Nilson* (1998), a veneração à Nossa Senhora da Saúde se originou de uma forte epidemia de peste negra que assolava a cidade de Fortaleza, conseqüentemente o bairro do Mucuripe, no final do século XIX. Onde a população já estava amedrontada com a situação, como afirmação disto, diante do número sucessivo de falecimentos, não havia tempo de sepultar os cadáveres no cemitério local, São João Batista, pela velocidade e grande número com que os enfermos faleciam, também

influenciando a distância entre a localidade e o cemitério. Sendo assim, as vítimas da epidemia passaram a ser sepultadas nos morros do bairro, principalmente no Morro do Teixeira. As famílias já se encontravam desoladas quando uma senhora vinda da região Sul do país mudou-se para o bairro trazendo com ela a imagem de Nossa Senhora da Saúde.

Diante da situação de horror com que esta mulher se deparou, implorou a Nossa Senhora da Saúde que curasse os moradores (inclusive ela mesma, que estava enferma) e que o quadro epidêmico cessasse, prometendo em troca a construção de uma capela onde os moradores pudessem agradecer a graça alcançada. Alguns meses após o pedido, a epidemia foi aos poucos perdendo sua força até se extinguir completamente. Dessa maneira, foram realizados mutirões entre os moradores para a construção da primeira Capela de Nossa Senhora da Saúde, na Avenida Beira-mar (GIRÃO, 1998). Iniciando assim o novenário em agradecimento à santa dos dias 29 de agosto à 8 de setembro.

Antes da construção desta capela, havia outro templo, segundo os moradores mais antigos do bairro, onde hoje se localiza o Morro do Teixeira, mas com o passar dos anos, o intemperismo fez com que a capela fosse soterrada. A capela construída pelo milagre da cura da comunidade teve sua pedra fundamental fixada no dia 1º de agosto de 1852 no local em que o espaço sagrado seria construído (onde hoje se localiza a Igreja de São Pedro dos Pescadores, na Avenida Beira-Mar) (GIRÃO, 1998). A figura 04 mostra uma celebração na igreja de São Pedro dos Pescadores no início do século XX, símbolo do imaginário religioso do bairro.

Figura 04: Missa na, ainda, Capela de Nossa Senhora da Saúde em 1913



Fonte: Acervo Nilson Cruz, 1913.

Porém, por problemas administrativos, em dezembro de 1930, a capela foi interditada e as missas e novenas passaram a ser celebradas na casa do senhor Pedro Rufino, figura muito popular no bairro Mucuripe. Contudo, com a interdição, a imagem da santa desapareceu. Com o aumento progressivo do número de fiéis, se observou a necessidade de uma nova capela. Novamente, um mutirão foi realizado entre os moradores para a nova edificação, tendo sua pedra fundamental inaugurada em 29 de junho de 1931, onde essa se localiza hoje. A construção do novo templo perdurou quatro anos, sendo finalizada com o retorno da imagem da antiga capela para o recém inaugurado altar, além da construção de uma imagem da mesma santa em frente a igreja, sob a ideia de guardar os moradores do Mucuripe.

O bairro praiano possui duas manifestações que (re)constroem a o imaginário religioso dos “mucuripeiros”. São dois festejos que atraem fiéis de bairros próximos e distantes, constituindo-se numa importante manifestação cultural daquela espacialidade. Sobre as festas populares, Castro (2012, p.40) afirma que as mesmas são, de modo geral, percebidas sob dois enfoques: as festas de participação e de representação; enquanto as primeiras congregam a comunidade, nas segundas há uma separação entre os protagonistas da trama festiva e os espectadores. As duas festas que ocorrem no Mucuripe se constituem na primeira opção. Em relato sobre a festa, aponta Girão (1998, p. 93): É sem favor uma das maiores e mais belas demonstrações da fé do nosso povo, devoção histórica, como algumas poucas outras do Ceará: São Francisco de Canindé e Padre Cícero (Nossa Senhora das Dores) em Juazeiro do Norte.

Com o auxílio do povo “mucuripense” e o investimento financeiro de Luísa Machado, moradora do bairro e devota de Nossa Senhora da Saúde, no final do século XIX, conseguiram erguer uma igrejinha onde, hoje, se localiza a Avenida Beira-mar, próximo à zona praiana. Esta igreja passou a ser o templo de agradecimento e pedidos à Nossa Senhora da Saúde. Os festejos atraíam fiéis de todas as partes do estado, como demonstra Girão (1998, p. 160) sobre a propagação da festa pela capital cearense e o restante do estado:

Era nela que os pescadores vinham pagar suas promessas. Não só eles, mas todo o povo do Mucuripe e de outros lugares da cidade e do interior. Centenas de devotos, talvez milhares deles, atestando a fé inabalável da gente praiana na sua Padroeira: miniaturas de jangadas que se salvaram em noites de tempestades, garrafas com preces recolhidas na praia, pernas, braços, em gesso, em cera, em osso, em madeira, enfim, um mundo de provas dos milagres de Nossa Senhora.

Mesmo a capela de Nossa Senhora da Saúde construída à beira-mar constituir um espaço sagrado (ROSENDAHL, 1999, p. 235) fundamental na identidade cultural dos fiéis, ocorreu um episódio no mínimo curioso durante os festejos da santa no ano de 1932. Fortalezenses de bairros mais distintos da cidade visitavam a capela, a quantidade de velas acesas para a santa na capela era abundante, com isso alguns moradores e inclusive devotos, comercializavam velas nos arredores da igrejinha.

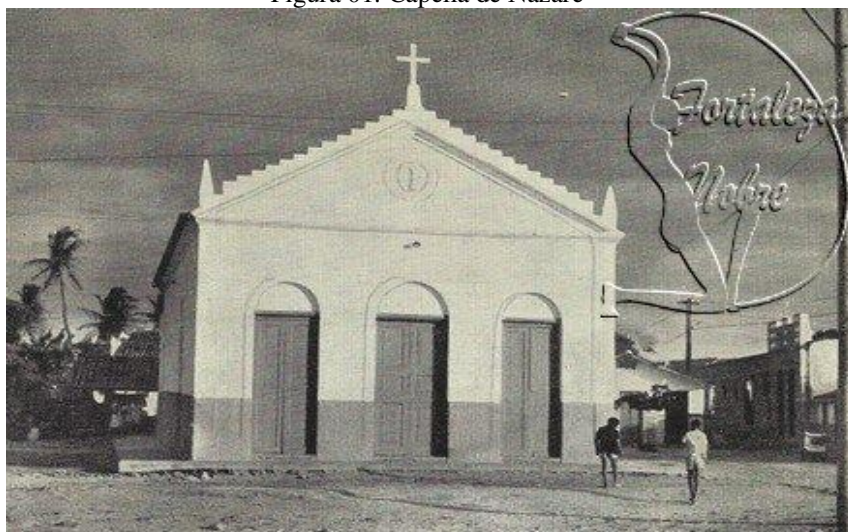
Esta ação foi interpretada de maneira equivocada pelo Padre Luiz Rocha, que durante a Festa de Nossa Senhora da Saúde resolveu fechar a igreja, deixando os fiéis aborrecidos com aquela decisão. Os devotos, não satisfeitos com o autoritarismo do padre, arrombaram as portas da capela em homenagem à santa para viver o momento de fé e oração dos festejos de Nossa Senhora da Saúde (GIRÃO, 1998, p. 161).

Contudo, esta atitude do povo foi considerada pelo Padre Luiz Rocha e o Bispo Dom Manoel como um ato de desrespeito contra a igreja, fazendo com o que o Bispo excomungasse todos os envolvidos no caso (quase toda a população do bairro Mucuripe e moradores de outras localidades). Girão (1998, p. 162) afirma que para pessoas do sentimento de religiosidade daquela gente, em particular de Dona Aída – que comandava, ao lado do marido, as grandes festas do bairro em sua pequena e acolhedora capelinha – a decisão do líder religioso foi um golpe muito rude. Não o bastante para arrefecer-lhes o amor a Deus e à sua religião. A devoção dos fiéis só afirmou o que a ponta Oliveira (2004, p. 3): a fé continuará sendo, uma qualidade híbrida – divina/humana, sagrada/profana – capaz de justificar imediatamente grandes viagens em busca de algo que transcende o cotidiano.

A igreja erguida por conta de uma promessa foi então, interdita pelo Bispo. Porém, os moradores e devotos da santa da Saúde fizeram oposição à diocese e com árduo trabalho construíram a matriz da Paróquia de Nossa Senhora da Saúde na Avenida Matias Beck (em 1962 renomeada como Avenida Abolição), em 1932. Contudo, a igreja que havia sido fechada

pelas autoridades religiosas foi reaberta em 1937 com o nome de Capella de Nazaré, mais tarde nomeada de Igreja de São Pedro dos Pescadores (GIRÃO, 1998).

Figura 01: Capella de Nazaré



Fonte secundária: Acervo Fortaleza Nobre.

Essa contextualização histórica da construção do imaginário religioso do bairro serve para demonstrar a importância de Nossa Senhora da Saúde na (re)invenção da Festa de São Pedro dos pescadores no Mucuripe. Alguns moradores, em entrevista realizada em 2011, acreditam que o tombamento da Igrejinha de São Pedro como patrimônio cultural material municipal tenha sido fomentada pela própria relação de fé existente entre Nossa Senhora da Saúde e os moradores do Mucuripe.

Diante deste histórico da (re)criação do imaginário religioso no bairro Mucuripe, observamos um forte laço entre as festas de São Pedro dos Pescadores e a Festa de Nossa Senhora da Saúde. Desta maneira, apresentaremos uma descrição das duas festas, subsidiados pela vivência dos dois festejos.

SÃO PEDRO DOS PESCADORES: O SANTO QUE VAI AO MAR

A festa de São Pedro dos Pescadores acontece em muitas cidades do Brasil, como Mangaratiba-RJ, Ubatuba-SP, Fernando de Noronha-PE, Fortaleza-CE, dentre outras localidades. Antes de expormos os desdobramentos da festa, vejamos quem foi São Pedro, consultando a Bíblia, e qual a sua relação com seus devotos.

Segundo a Bíblia sagrada, Pedro, Simão Pedro mais precisamente, era um pescador que esteve presente em num episódio marcado na arte cristã, a primeira e segunda pesca milagrosa. O primeiro milagre ocorreu quando Jesus se encontrava no Mar da Galileia, onde pregava para algumas pessoas próximas à margem. Avistando dois barcos, um dos homens que guiava o barco era Pedro, Jesus pede para entrar no meio de transporte onde retorna a pregar para os que ali estavam.

Utilizaremos o auxílio do Evangelho de Lucas para descrever os dois milagres presenciados por Pedro. Seguindo logo após entrar na embarcação, Jesus falou para Pedro: *“Faze-te ao largo, e lançai as vossas redes para a pesca”* (5:4). O pescador respondeu instintivamente: *“Senhor, tendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; porém sobre a tua palavra lançarei as redes”* (5:5). Ao lançar o material ao mar, apanharam uma quantidade enorme de peixes, ao ponto da rede ficar prestes a rasgar, sendo necessária a ajuda de outro barco para levá-los até a terra. Após presenciar o primeiro milagre da pesca, depois de dias e

dias sem conseguir pescar um único peixe sequer, Pedro se dirigiu à Jesus e disse: “*Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem pecador*”. Jesus respondeu: “*Não temas, de ora em diante serás pescador de homens*”. Passando este dia, Pedro, e os outros pescadores que estavam no período do milagre, largaram tudo que haviam vivido e passaram a seguir Jesus.

A segunda pesca milagrosa ocorreu também no mar da Galileia, após a ressurreição de Jesus. Este episódio é descrito no evangelho de João. Com a morte de Jesus, os pescadores de homens voltaram a pescar peixes. Após alguns dias sem conseguir nenhum peixe, um dia após Jesus ressuscitar, Simão Pedro decidiu pescar, sendo acompanhado pelos outros discípulos e por um desconhecido. Tentaram apanhar algum peixe, mas não tiveram sucesso mais uma vez. Eis que o desconhecido pergunta se os pescadores tinham comida, todos negaram. Então o homem diz: “*Joguem a rede do lado direito da barca, e vocês acharão peixe*” (21, 6a). Pedro obedece ao estranho e quando se dá conta, a rede começa a ficar mais pesada. Não podiam acreditar na abundância de peixes, ao ponto de outro barco ajudá-lo a levar os peixes. Olhando aquele milagre realizado, os discípulos ficam admirados e um deles grita: “*É o Senhor!*”. Esta pesca está representada na Bíblia como a *pesca dos 153 peixes*.

Tocamos neste ponto do saber mítico sobre São Pedro para observarmos exatamente a presença dos mitos nas sociedades contemporâneas e para evidenciar o porquê da forte relação dos pescadores com o santo, que enquanto um pescador, tinha o cotidiano semelhante aos do Mucuripe e foi escolhido por Jesus para se tornar pescador de homens. Os moradores do bairro Mucuripe no início do século XX, se constituíram em grande maioria como pescadores e pessoas que viam no mar sua fonte de renda, como as labirinteadas. A identificação com São Pedro, o pescador de homens, foi imediata e o ritual se mantém por 83 anos.

A festa de São Pedro dos Pescadores entre os dias 25 e 29 de junho, variando na data de abertura dos festejos em homenagem ao santo, desde 1931, se configurando como uma festa tradicional da população litorânea cearense, pois diante do histórico da ocupação do bairro, vários pescadores se viram na obrigação de se deslocar para bairros adjacentes do Mucuripe. Estes moradores não deixaram a distância nem o árduo cotidiano do pescador influenciar na tradição do festejo, fazendo com que a manifestação não se limitasse apenas ao bairro do Mucuripe. Como a festa é realizada em meio ao ciclo junino, símbolos e ritos são (re) criados na tradicional manifestação de adoração ao santo dos pescadores. O primeiro dia de festejo é marcado por apresentações de quadrilhas juninas em frente à Igrejinha de São Pedro dos Pescadores, onde os moradores se reúnem para contemplar o espetáculo. Após a manifestação ocorrem shows com atrações musicais regionais para finalizar o primeiro dia de festejo do santo.

No ano de 2014, a festa teve início no dia 26 de junho, com uma missa de abertura aos festejos de São Pedro dos Pescadores. Os dias 27, 28, e 29 do mês de junho é nomeado “tríduo de São Pedro”. Estes três dias são reservados para devoção ao santo. O primeiro dia do tríduo é marcado por uma missa que acontece no início da noite, às 18h30, na Igreja de São Pedro dos Pescadores. Esta é tombada como patrimônio cultural material da cidade de Fortaleza. O Conselho Municipal de Proteção ao Patrimônio Histórico e Cultura (COMPHIC), o tombamento da Igreja, que na verdade é uma capela, porém é denominada como igreja no documento de tombamento, fortalece a resistência ao interesse do mercado, visto que algumas empresas já falharam na tentativa de comprar o terreno da igrejinha para expandir seus empreendimentos, garantindo assim sua “visibilidade, ambiência e integração”, ainda segundo o COMPHIC.

O tema da festa de São Pedro dos Pescadores do ano de 2014 denota Pedro como um elo entre os seus devotos e Jesus, denominado “*Vocacionando como São Pedro à serviço de Jesus*”. No primeiro dia de comemorações no tríduo de São Pedro, foi explicitado o papel do

devoto para com a sociedade, a necessária entrega do indivíduo para Jesus, assim como fez Pedro.

As missas na igreja homônima do santo realçam a paisagem durante o período da noite na Avenida Beira-Mar, onde se localiza a capela. A igreja fica na enseada do Mucuripe, em frente ao Mercado dos Peixes, onde, talvez pelo fato da fraca movimentação de pessoas no local durante a noite, a iluminação é bem precária. Quando a igreja está aberta, a avenida ganha uma iluminação “extra”, ao ponto de chamar a atenção em meio à escuridão na orla. A estrutura do templo não teve mudanças drásticas em relação ao modelo da mesma durante a transição de Capela de Nossa Senhora da Saúde para a Igreja de São Pedro dos Pescadores, se caracterizando com uma arquitetura vernacular (Figura 02). Segundo a pesquisadora Olga Cruz (2013), em depoimento ao documentário *A Festa de São Pedro dos Pescadores do Mucuripe*, o monumento é claramente distinto do seu entorno, no caso, grandes restaurantes de peixada e uma quantidade abundante de hotéis.

Nos dois primeiros dias do tríduo de São Pedro dos Pescadores a celebração ao santo se restringe à uma missa que ocorre no início da noite, por volta das 19 horas na igreja homônima do santo. Como o templo não possui muito espaço no seu interior, muitos devotos participam da festa nas adjacências do local. Além dos cartazes dentro da igreja, no entorno podemos observar a decoração junina, com bandeirinhas e comidas típicas, como tapioca, vatapá, pé de moleque, sendo vendidos no calçadão da avenida.

Figura 02: Igreja de São Pedro dos pescadores.



Fonte: Acervo do autor, 2014

O início do ritual, nos dois primeiros dias do tríduo (27 e 28 de junho), conta com uma pequena reflexão do padre sobre a história de Pedro, mostrando sua fidelidade à Jesus até sua representatividade como primeiro Papa da igreja católica. Enfatizando a forte relação identitária dos pescadores com o santo e o desenvolvimento da orla de Fortaleza. Prosseguindo a celebração, se evidencia músicas em louvor à divindade, salientando como São Pedro dos Pescadores se doa como ferramenta de Jesus na pregação do evangelho e na pesca das almas, enquanto portador da chave do céu.

Uma quantidade significativa de turistas, principalmente estrangeiros (perceptível pelos idiomas e as camisetas das respectivas seleções) ao passar pela igreja desviava seus trajetos e esperavam alguns instantes na calçada, registrando o momento nas lentes das câmeras. Ora, uma igreja tão pequena, tão simples e humilde cercada de paredões de prédios luxuosos e restaurantes com mais ou menos o triplo do seu tamanho, perceptível a olho nu, é no mínimo intrigante e convidativa. Porém, grande parte dos turistas que transitavam próximo

à igreja, apenas fotografou o templo. O interesse meramente estético sobre a arquitetura/localização da igreja como um símbolo de resistência em meio ao avanço da rede hoteleira revela certo desajuste entre o turismo, enquanto uma prática econômica, e o patrimônio cultural imaterial da cidade.

O louvor ao santo continua e o padre, tendo ao seu lado, no centro do templo, a imagem de São Pedro dos Pescadores, e às suas costas, próximo ao altar, a imagem de Nossa Senhora da Saúde afirma veementemente a importância destas duas manifestações para a história do Mucuripe e de Fortaleza. Durante a missa, ocasionalmente percebemos alguns confrontos sonoros. Carros seguindo pela avenida, restaurantes com música ao vivo nas adjacências. Mas isto não se impõe ao ponto de atrapalhar o andamento da manifestação. O Padre Fernando explica, por diversas vezes, o registro da festa e o tombamento da igreja de São Pedro dos Pescadores. O pároco alerta para a necessidade da manutenção do festejo pelos próprios devotos e participantes, durante a celebração, para que o patrimônio não se cristalice, mas que seja protegido e utilizado pela população.

A missa continua com a devoção à São Pedro dos Pescadores, onde percebemos alguns pescadores com roupas típicas do pescador do Mucuripe, quando o bairro ainda era uma comunidade de pescadores, no caso um pano marrom, grosso, para evitar as queimaduras por estar tanto tempo sujeito à insolações. Também percebemos, principalmente com as entrevistas, muitas famílias de pescadores, principalmente esposas, agradecendo e pedindo ao santo que vá e volte em paz com seus parceiros do mar.

Ao final da celebração, o padre informa aos devotos para atentarem às camisas e livros que são vendidos pela organização da festa e as mesas do outro lado da avenida que vendem comidas típicas do período junino. Além disso, repassa a programação do tríduo para os participantes e alerta para a importância dos fiéis em estarem presentes nas manifestações em devoção ao santo.

Um símbolo forte nesta manifestação se encontra fora da igreja. Uma jangada em meio à calçada da Avenida Beira-mar com uma foto de São Pedro estampada na sua vela. Além do poder simbólico deste objeto, a jangada se mostra um ponto de encontro de alguns pescadores, que preferem celebrar a devoção pelo santo protetor daquele mesmo local. Aproximadamente cinco pescadores conversavam em cima da jangada. Após a aplicação das entrevistas, pudemos ter alguns minutos de conversa informal com todos. Os que se encontravam ali disseram que preferem realizar suas preces e agradecimentos do barco em frente ao mar (Figura 03).

Vale ressaltar que os pescadores ali presentes vivenciaram as mudanças ocorridas no bairro até o final do século XX, visto que todos moram nas proximidades e já pescavam há pelo menos 30 anos. Quando questionados sobre a cultura mucuripense antes do “boom” turístico do bairro Mucuripe, um senhor de 68 respondeu: “Ah meu filho, era muito melhor antes disso tudo. Embora a gente vendesse menos peixe do que hoje, a vida era muito melhor, esse lugar aqui praticamente não tinha violência, se for comparar com hoje...”. Observamos nas conversas com os pescadores entrevistados que residem no bairro há mais de 20 anos um sentimento nostálgico do período em que o bairro tinha outra configuração sócio-espacial.

Figura 03: Jangada na Avenida Beira-mar.



Fonte: Acervo do autor, 2014.

Durante a missa, no interior da igreja, o padre citou uma informação que pode, segundo o mesmo, comprometer a situação da festa enquanto patrimônio. A igreja de São Pedro dos Pescadores possui uma dívida adquirida antes do seu tombamento e até hoje precisa prestar contas com a Prefeitura de Fortaleza. Em junho, houve um desentendimento entre a organização do templo e o órgão responsável pela cobrança. Desta forma, a igreja realizou rifas e vendeu livros e camisas para sanar a dívida e garantir a segurança do bem patrimonial, onde o padre relembra, durante a missa, o problema da dívida e as alternativas promovidas pela organização da igreja, incentivando os devotos a participar. Esta dívida consiste na taxa de ocupação do solo na área da Marinha, referente à uma quantia de 300 mil reais em que a Igreja de São Pedro dos Pescadores paga mensalmente 2 mil reais, com muita dificuldade, segundo o Padre Alderi. Contudo, esta taxa de ocupação é impossibilitada de ser submetida à isenção, pois diferentemente do Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU), não existe legislação que dê assistência ao santuário.

A exaltação de Pedro, enquanto um servo de Jesus, é notória. Durante o sermão, o pescador de homens é o protagonista, como um exemplo aos devotos. Um homem que mesmo desconhecendo a identidade do Senhor, o obedece. A relação feita pelo padre entre o pescador de homens e os devotos fortalece o laço identitário dos fiéis com o santo protetor.

Com o fim da celebração, alguns devotos se dirigem até as barraquinhas de comida, ali percebemos um espaço de socialização em que os devotos se (re)encontram. Contudo, devido as condições do ambiente como a falta de iluminação e a pouca movimentação naquele trecho da avenida, faz com que os participantes deixem o local pouco tempo após o término da cerimônia.

No dia 29 de junho, último dia de manifestações e clímax do festejo, a paisagem produzida na festa é totalmente distinta dos outros três dias. As comemorações reverenciando São Pedro dos Pescadores se iniciam às oito horas da manhã. Onde a Prefeitura de Fortaleza

disponibiliza um pequeno palco onde se monta o altar e uma espécie de tenda para abrigar os fiéis, onde se constrói uma estrutura para ocorrer a Missa Campal em homenagem ao santo.

Esta celebração ocorre fora da igreja, no calçadão da Avenida Beira-mar, próximo aos barcos que permanecem na areia, esperando a próxima saída ao mar. A superioridade da dimensão da festa neste dia em relação aos festejos empreendidos no passado é gritante em vários aspectos, mas a quantidade de devotos é um dos que chama mais atenção. Observando a festa, pode-se afirmar que a quantidade de participantes do festejo somente no dia 29 é igual/superior que os devotos dos outros quatro dias de festa somados.

Na medida em que o sol vai iluminando a orla, pode-se vislumbrar a pequena procissão com alguns pescadores com roupas típicas dos primórdios daquela comunidade pesqueira, os organizadores do festejo e alguns fiéis carregando o andor onde está a imagem de São Pedro dos Pescadores. O trajeto do movimento chega até onde ocorre a missa campal, onde a imagem de São Pedro dos Pescadores é recebida pelo Padre Alderi, e permanece no altar, onde os devotos podem fazer suas preces e agradecimentos olhando para o santo. Ao som acolhedor das canções cantadas pelos fiéis que ali aguardam a chegada do santo, a procissão se aproxima até a imagem de São Pedro descansar no altar.

Figura 04: Visão da missa campal no calçadão da Avenida Beira-mar.



Fonte: Acervo do autor, 2014.

Figura 05: Pescadores carregando o andor para o altar onde a missa será realizada



Fonte: Acervo do autor, 2014.

Antes de iniciar a missa, o padre agradece à vinda dos devotos para a manifestação, e pergunta onde os participantes residem. A força do litoral é visível, dentre os vários bairros citados, a presença massiva dos bairros que compõe a orla de Fortaleza e algumas cidades próximas, também litorâneas, como Paracuru e Iguape.

Acreditamos que os indivíduos participantes do evento sócio-culturais atuam (também) como símbolo do festejo, no caso desta manifestação, os pescadores utilizando adereços que representam a pesca no bairro, com as vestes tradicionais do pescador do Mucuripe tem uma simbólica representativa na manifestação. Chamam a atenção dos fiéis e de quem está de passagem no local. Muitos transeuntes registram a festa e os pescadores. Um fato pertinente a ser citado é a enorme quantidade de pessoas que param no local, apenas por curiosidade, observando e registrando a festa por alguns instantes até retornar o seu trajeto. Se este movimento ocorre em menor proporção nos outros dias (ou não ocorre), no último dia dos festejos, a quantidade de curiosos é abundante. Em conversa com alguns deles, do porque deles estarem ali, alguns citaram o fato de ser um evento religioso, mas a maioria respondeu estar fascinada com o espetáculo.

Num dado momento, os pescadores retornam da praia em direção à missa campal, com peixes frescos em suas mãos e os levam até o altar, para que o padre ofereça ao santo a oferenda. O simbolismo entre o mar e São Pedro dos Pescadores impregna a paisagem festiva produzida durante a festa.

Figura 06: Pescadores levando os peixes ao padre. Figura 07: Padre recebendo o pescado



Fonte: Acervo do autor, 2014

Fonte: Acervo do autor, 2014

Durante o decorrer da missa campal observamos uma quantidade significativa de emissoras fazendo a cobertura da celebração para telejornais, mas apenas no dia 29. O Padre Alderi relembrou a história da igreja de São Pedro dos Pescadores e a sua relação com Nossa Senhora da Saúde e o bairro Mucuripe. Novamente, a patrimonialização da festa de São Pedro dos Pescadores é lembrada pelo padre, salientando a importância dos devotos na manutenção do festejo. A celebração continua até que, por volta das dez horas da manhã o pároco inicia os rituais que finalizam o festejo no calçadão, que continua na praia do Mucuripe.

Neste horário, um pequeno grupo de pescadores se aproxima do altar, com o final da missa, onde carregam o andor com a imagem de São Pedro dos Pescadores em direção ao mar. Os devotos acompanham os homens do mar no trajeto, tentando tocar na imagem do santo protetor e cantando as canções em louvor ao pescador de homens. O clássico “foguetório” que ocorre durante a ida da imagem até o mar, mais uma vez ocorreu para a alegria dos devotos. Onde dois indivíduos dispararam uma sequência de fogos de artifício para celebrar a entrada da imagem no mar. Ao chegar próximo às águas do Mucuripe uma jangada aguarda a chegada da imagem para dar início à *procissão marítima*.

A imagem de São Pedro dos Pescadores é colocada com muito cuidado numa jangada, em que alguns pescadores e bombeiros conduzem a embarcação no mar, realizando um trajeto que consiste em dar algumas voltas por jangadas “estacionadas” próximas ao litoral. Da areia, os devotos cantam e aguardam o retorno da imagem do santo para a terra firme, pra que então ela possa ser levada de volta à Igreja de São Pedro, encerrando assim as comemorações ao santo protetor dos pescadores.

Figura 08: Ida da imagem ao mar



Fonte: Acervo do autor, 2014

Figura 09: Procissão marítima



Fonte: Acervo do autor, 2014.

Nas edições anteriores da festa, a Prefeitura de Fortaleza oferecia mais suporte para a festa. Por exemplo, após a volta da imagem para a igreja, no mesmo espaço onde ocorreu a missa campal, ocorriam apresentações de grupos populares de dança do côco e de quadrilhas juninas, onde os fiéis participavam e permaneciam no local. Este ano, a prefeitura não disponibilizou muito material para a celebração.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O efeito do processo de globalização, multiplicação dos transportes e ampliação das comunicações resultando no “encurtamento” do mundo (DARDEL, 2011) sobre os sentimentos identitários é incontestável. É neste processo que surgem as alteridades e a necessidade de pertencimento dos grupos, uma vez que é por estar confrontando com as forças de alteridade que o indivíduo tem necessidade de identidade (CLAVAL, 1999, p. 14). Estes traços culturais identitários são (re)produzidos e/ou (re)inventados pelos atores sociais do meio e, prezando pela continuidade das manifestações e a preservação da diversidade cultural, órgãos públicos definem formas de proteção legal à estes eventos sócio-culturais, onde as paisagens festivas se configuram como fundamentais para este processo de registro.

A abordagem cultural da ciência geográfica se apropriou de maneira feliz deste campo de estudos de maneira mais ampla com o surgimento da New Geographie Cultural. O enriquecimento teórico que as Ciências Sociais, a História, a Filosofia e a Psicologia agregam para as análises da Geografia Cultural se mostram imprescindíveis nesta abordagem da Geografia e da (re)significação dos conceitos geográficos.

REFERÊNCIAS

- CASTRO, Janio Roque de. **Da casa à praça pública: a espetacularização das festas juninas no espaço urbano**. Salvador: EDUFBA, 2012. 340 p
- CLAVAL, Paul. Geografia cultural: o estado da arte. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999, p. 59-98
- CLAVAL, Paul. O papel da nova Geografia cultural na compreensão da ação humana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Matrizes da Geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001, p. 35-86.

- DARDEL, Eric. **O homem e a Terra:** natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011, 159 p.
- DI MÉO, Guy. **Le sens géographique des fêtes.** Annales de Geographie. Vol 110, nº 622, 2001.
- GIRÃO, Blanchard. **Mucuripe:** de Pinzón ao Padre Nilson. Fortaleza: Fundação Demócrito rocha, 1998. 230 p.
- OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. **ABC do turismo religioso.** Pinheiros: Editora ALEPH, 2004. 40 p.
- ROSENDAHL, Zeny. O espaço, o sagrado e o profano. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Manifestação da cultura no espaço.** Rio de Janeiro: EDUERJ. 1999, p. 231-247